

# Brasília, 26 anos

## Do sinal da cruz ao cruzado

Margaret Cunha

**B**RASÍLIA — Vai ser a maior festa de aniversário que Brasília já teve: no dia 21 de abril de 85, a morte de Tancredo Neves apagou a alegria dos 25 anos da cidade. E outros 20 aniversários foram festejados sem alegria da população. Basta lembrar que até os fundadores da cidade eram barrados no baile. Agora, Brasília, que nasceu em forma de uma cruz, vai festejar 26 anos no clima de esperança da era do cruzado.

A morte de Tancredo adiou a festa e adiou também a discussão: que cidade é essa, que já tem mais de meio quarto de século? Para muitos, ela não passa de uma criança; outros lembram que ela já viveu muita coisa: teve nove Presidentes da República, três Primeiros-Ministros, tropas na Esplanada, juntas militares, Congresso invadido, universidade ocupada. Mas com tanta história para contar, Brasília só este ano vai votar de verdade, para escolher os próprios representantes no Senado e na Câmara. E os candidatos vão ter que ouvir a alma da cidade cassada, que agora tem voz.

Pedro, 36 anos, motorista de táxi, nasceu em Brasília de Minas (a cidade se chamava só Brasília mas, com a inauguração da nova capital, teve que se chamar "de Minas"). Pedro até hoje não aceita a nova Brasília: "Aqui tem gente de todo lugar, tem gaúcho, tem carioca, cearense, paulista. Só estou juntando mais dinheiro para voltar para a minha Brasília, onde só tem mineiro."

A diversidade que espanta Pedro encanta o psicólogo João Claudio Todorov, vice-reitor da UNB. Paulista, há 22 anos em Brasília, ele ainda se impressiona com o mosaico humano da cidade: "O brasileiro é o único brasileiro que não tem sotaque." O professor Todorov se sente em casa morando no campus da Universidade.

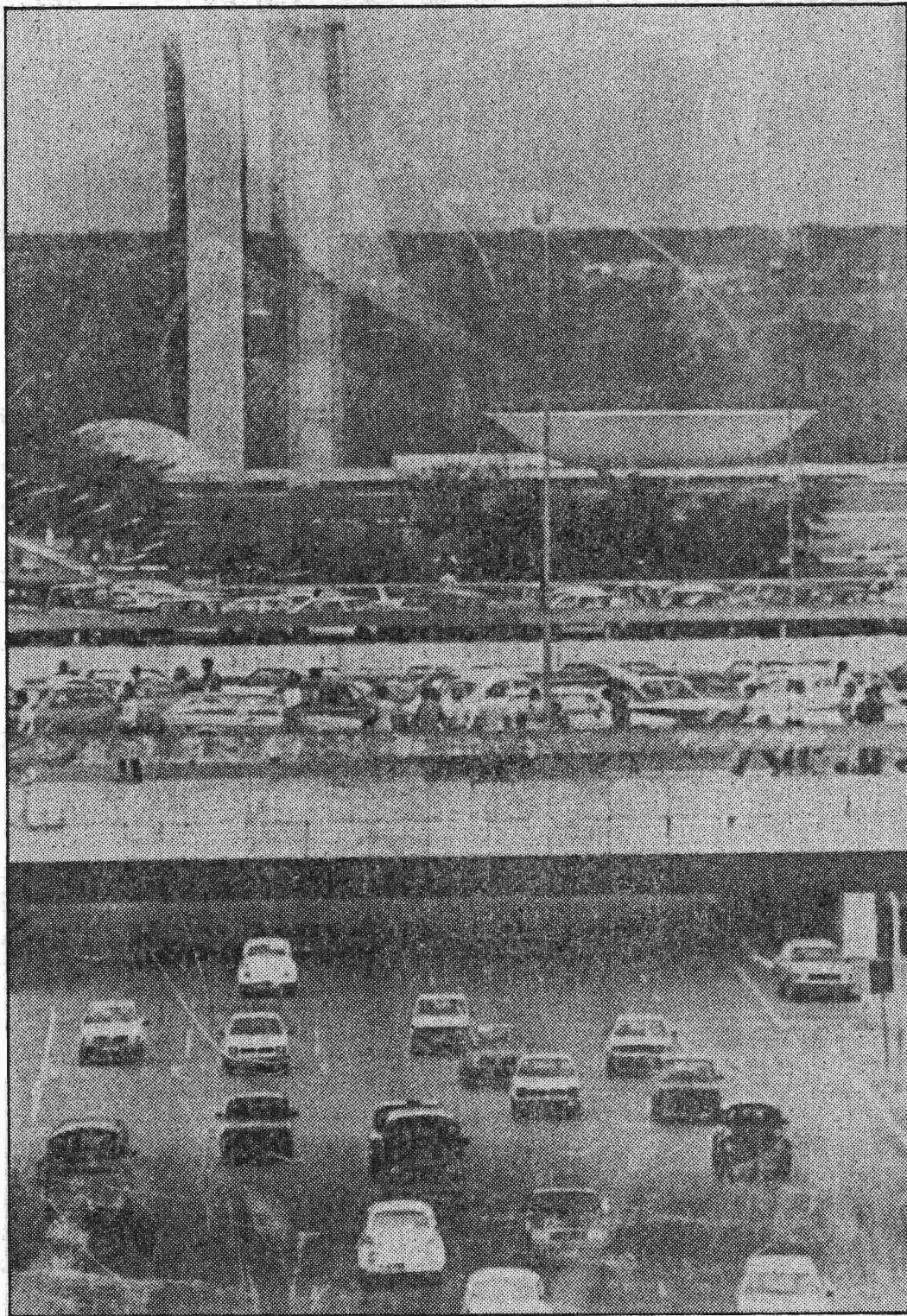
Já o mineiro Paulo Roberto, 41 anos, arquiteto, 20

anos em Brasília, desabafa: "Aqui em Brasília, a gente é mesmo hóspede. Os filhos da gente é que são os donos da cidade." Um dos "donos" da cidade, José Godói, 24 anos, estudante de Ciências Sociais da UNB, adora Brasília, onde nasceu justamente no dia 21 de abril: "Aqui não tem violência, a gente tem mais liberdade, faz som. Você vê, o Renato Russo, que é hoje sucesso na Legião Urbana, estudou com a gente no cursinho."

Na onda do rock, a vocação futurista de Brasília já é de exportação: Augusto Junqueira, 26 anos, carioca, acha que o que há de novo em matéria de música no Brasil sai de Brasília. Augusto cita como exemplo os conjuntos brasilienses Legião Urbana, Plebe Rude e Obina Shok, que estão "estourando em todo o país".

O jovem e o velho em Brasília: no dia da inauguração da capital, o poema escolhido para ser lido na festa foi o do paulista Guilherme de Almeida. Ele via na nova capital a trilha dos bandeirantes, a rosa dos ventos, a encruzilhada tempo-espaço. Hoje, o governador José Aparecido traz de volta os "desenhistas de Brasília" para que eles recuperem o tempo perdido no Governo militar e ocupem o grande espaço que a cidade ainda tem: Oscar Niemeyer, o arquiteto, Lúcio Costa, o urbanista, e Burle Marx, o paisagista, voltam à cena para preservar Brasília sonhada há 30 anos.

Mas eis que surge o brasiliense — que não é só aquele jovem que nasceu e cresceu na cidade. É o brasiliense que adotou Brasília e procura saídas fora do plano dos criadores. É o caso do professor Frederico de Holanda, que há 14 anos ensina Arquitetura e Urbanismo na UNB. Ele acha que a vivência na cidade tem que ser respeitada. "Quem viveu de perto e estuda os problemas do dia-a-dia de Brasília, nesses 26 anos, tem que ser ouvido para melhorar a cidade". O professor Holanda fala de uma cidade que foi planejada para ter 500 mil habitantes e hoje tem mais de 1 milhão e



## JOSÉ APARECIDO Festa e homenagem a mineiros ilustres

**A**festa de aniversário de Brasília, que também é uma homenagem a três mineiros — o alferes Tiradentes; o fundador da cidade, JK; e o fundador da Nova República, Tancredo Neves —, toma todo o tempo de um outro mineiro: o Governador José Aparecido.

Entre dezenas de telefonemas e audiências até a um grupo de urbanistas da Alemanha que estudam Brasília —, o Governador faz uma pausa de cinco minutos e toma uma xícara de chá. Anfitrião da festa, ele diz por que este 21 de abril é tão importante para Brasília e para o Brasil:

"Quando Brasília ia comemorar o jubileu, no ano passado, o aniversário coincidiu com a Nova República, com a reconstrução do poder civil. A Capital deixava de ser 'quartel' para retomar sua origem. Eram dois motivos de festa, mas justamente naquele dia 21 de abril sofremos a morte de Tancredo Neves".

O Governador chama a atenção para outro fato: "Brasília — diz ele entusiasmado — está vivendo uma

experiência histórica. É a primeira cidade no mundo que pode comemorar 26 anos com seus criadores todos vivos e com muita disposição de trabalhar: o arquiteto Oscar Niemeyer, o urbanista Lúcio Costa, o paisagista Burle Marx e os artistas Alfredo Ceschiatti, Marianne Peretti e Athos Bulcão."

José Aparecido afirma que depois de tanto tempo afastados, os criadores de Brasília estão de volta para repensar a cidade: "Nós ficamos 21 anos vivendo o autoritarismo. Brasília, quando tinha só quatro anos, passou a ser a sede do poder militar — daí todas essas distorções no plano original, que agora estamos revendo, preocupados principalmente com as cidades-satélites (os subúrbios de Brasília)".

"Vai ser uma grande festa" — promete o Governador: "É o que é importante, uma festa do povo, porque foi o povo que sugeriu todos os programas. Nós, do Governo, só fizemos mesmo foi trazer os artistas populares para os shows."

de ontem, de hoje e de amanhã, a partir de três homens, que, segundo ela, "foram homens que deram a vida pela justiça no nosso país".

O espetáculo seria encenado na posse do Presidente Tancredo Neves, mas Itala Nandi acredita que ele vem a calhar agora que o Brasil sofre uma revolução com o cruzado, "saíndo das trevas para um tempo novo de esperança" — aliás, o personagem dela é o da guarda da esperança. Setenta e quatro pessoas no palco, inclusive sete crianças, cantam e dançam com roupas que formam uma Bandeira brasileira nova, com cores da terra — marrom, bege e vermelho.

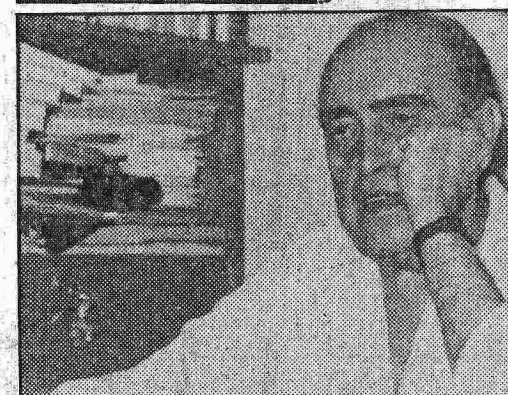
Todos os atores são gente de Brasília mesmo, uma experiência que a atriz Itala Nandi acredita que ele vem a calhar agora que o Brasil sofre uma revolução com o cruzado, "saíndo das trevas para um tempo novo de esperança" — aliás, o personagem dela é o da guarda da esperança. Setenta e quatro pessoas no palco, inclusive sete crianças, cantam e dançam com roupas que formam uma Bandeira brasileira nova, com cores da terra — marrom, bege e vermelho.

Todos os atores são gente de Brasília mesmo, uma experiência que a atriz Itala Nandi acredita que ele vem a calhar agora que o Brasil sofre uma revolução com o cruzado, "saíndo das trevas para um tempo novo de esperança" — aliás, o personagem dela é o da guarda da esperança. Setenta e quatro pessoas no palco, inclusive sete crianças, cantam e dançam com roupas que formam uma Bandeira brasileira nova, com cores da terra — marrom, bege e vermelho.



Brasília, a primeira a nascer na cidade: "minha filha vai se chamar Sheila"

Para Lúcio Costa, a cidade está bem, "apesar de algumas favelas"



Cadeiras de plástico e vitrais da Catedral devem ser mudados, diz Niemeyer



Os criadores da cidade estão vivos e ativos, lembra Aparecido



meio — um sonho que se choca com a realidade.

Na hora do parabéns, a dura crítica de "como vai a aniversariante?". Lúcio Costa sonhava com uma cidade sem qualquer cruzamento no trânsito. Hoje, Brasília tem sinais luminosos como qualquer outra cidade. Não tem engarrafamento, é verdade, mas os motoristas abusam da velocidade e há sempre o perigo da batida e do atropelamento. Lúcio Costa imaginava uma cidade acolhedora e lírica. Mas a realidade do país invadiu Brasília, que já tem muito assalto, muito menor abandonado, muito desempregado e subempregado.

O sistema de saúde teoricamente é perfeito, mas o erro médico dá uma triste fama à medicina de Brasília. O transporte coletivo é o mais caro do país, o sistema de telefone bate recordes de linha cruzada e o custo de vida também é recordista: Brasília foi a única capital que teve inflação (em torno de 0,5%) em vez de deflação, no mês de março. Com o anúncio do cruzado, os alugueis novos subiram em até 100%. A falta de lugar para se morar é tão crítica em Brasília como em qualquer cidade antiga. A cidade nova não escapou do velho problema da superpopulação — aquele brasileiro a mais que chega procurando emprego...

No coração de Brasília, chamado de Plano Piloto (as Asas Sul e Norte e os Lagos Sul e Norte) moram quase 400 mil pessoas. As outras 1 milhão e 100 mil pessoas vivem nas cidades-satélites (os subúrbios de Brasília), nas invasões (as favelas de Brasília) ou no Entorno (nome da periferia do Distrito Federal).

Brasília inchou tanto que a cidade-satélite de Ceilândia tem mais gente do que o Plano Piloto. Uma das moradoras de Ceilândia se chama Brasília Maria Costa Góis. Foi a primeira criança a nascer em Brasília, justamente no dia da inauguração da cidade. Quem escolheu o nome dela foi o próprio Juscelino Kubitschek. "Eu chorava de vergonha do meu nome

Brasília, hoje estou acostumada". Pobre, lutando para poder voltar a estudar e se formar "professora ou jornalista", Brasília acha que o governo devia dar mais atenção à parte mais pobre da cidade, de onde ela não quer sair nunca: "Adoro minha cidade, mas uma coisa eu juro: se tiver uma filha vai se chamar Sheila", um nome estrangeiro que nada tem a ver com o vaivém da nossa história.

Ricardo Pinheiro Pena, 36 anos, neto de Israel Pinheiro, construtor da cidade, pensa neste 21 de abril com saudade do tempo em que andava de bicicleta pelos ministérios em construção. Hoje, arquiteto, ele sente falta do aconchego e do ruído de outras cidades menos planejadas.

"Seu" Luciano, que há 30 anos toma conta da primeira residência oficial da Presidência da República em Brasília, o Catetinho, vai pensar neste 21 de abril em Juscelino: "Ele tratava a gente de igual para igual. A polícia dele eram os candangos, de 30 a 40 mil homens que trabalhavam dia e noite para construir Brasília".

Dona Aída, moradora da Asa Norte, suspira quando recorda que, quatro anos atrás, o padeiro deixava o pão e o leite na porta, de manhã cedinho, e hoje ela vive cercada de grude com medo de ladrão...

Na rodoviária de Brasília, Osmiro Rodrigues, 12 anos, engraxate, ajuda a pagar as despesas da família cobrando um cruzado pelo par de sapato. Ele nunca leu o plano de Lúcio Costa, não sabe o que é Nova República, nunca ouviu falar de André Malraux, pensador francês que, ao ver Brasília em obras, chamou a cidade de "capital da esperança". Osmiro nem sabe que vive numa cidade diferente, que ainda vai ter muito espaço e muito tempo pela frente — como previu o poeta Guilherme de Almeida.

O garoto Osmiro só quer saber da festa que vem aí — trio elétrico, banda, fogos, e resume toda a vida dele numa única frase: "Eu adoro Brasília..."

## LÚCIO COSTA Mudança inevitável foi para melhor

**L**ÚCIO Costa, 84 anos, pioneiro da arquitetura moderna no Brasil e autor do plano-piloto de Brasília, encara as transformações sofridas pela capital, ao longo de seus 26 anos, com a maior naturalidade, dizendo que elas eram inevitáveis e foram para melhor.

— A vida é sempre mais rica do que podemos imaginar — afirma o arquiteto — e a única coisa de que podemos ter certeza, em urbanismo, é de que tudo vai ocorrer de forma inesperada. Na última vez que fui a Brasília, percorri tudo, inclusive as cidades-satélites, e gostei muito do que vi. Para Lúcio Costa, o que se passou em Brasília foi a integração de todo o país e a recuperação de tradições perdidas nas grandes metrópoles, como o hábito de as pessoas se visitarem nos fins de semana. Houve, é claro, aspectos negativos e que fugiram a seu controle, mas estes datam da própria construção da capital:

— Eu havia previsto as superquadradas para que nelas pudessem conviver três padrões econômicos, as classes alta, média e baixa. Era uma solução capitalista inteligente, mas Juscelino e

Israel Pinheiro não a aceitaram, chamaram-me de idealista. Eles ainda estavam impregnados pela mentalidade escravocrata de que o trabalhador deve comparecer ao trabalho e depois desaparecer das vistas da burguesia.

Apesar de rejeitada a sua proposta de integração, ela acabou ocorrendo de forma espontânea, afirma o arquiteto. No centro da cidade, onde ele havia previsto uma área de lazer ultracivilizada, "uma flor de estufa", acabou ocorrendo uma integração bastante rica, com uma frequência heterogênea onde se misturam a burguesia administrativa e a população da periferia.

— E pelo que vi na periferia — comenta o arquiteto — eles estão muito bem, apesar de haver algumas favelas. Mas elas são sempre de pessoas recém-chegadas à capital, que não têm ainda trabalho ou onde morar decentemente.

Lúcio Costa diz que, por ser a capital, Brasília não poderia ser uma cidade como outra qualquer, mas o lugar onde aflorasse o verdadeiro espírito do país, com suas contradições sim, mas acima de tudo com suas tradições.

## Forró, balé, rock, poesia e povo na rua

**A**Festa promete. — Os 26 anos de Brasília vão ser festejados durante três dias e quatro noites: depois de um dia de trabalho, o povo da cidade-satélite de Taguatinga vai à forra num show de forró com Gonzagão, Oswaldinho e Dominguinhos.

Quando o sol raiar, noutra cidade-satélite, Ceilândia, é hora de mostrar poesias e desenhos que vão revelar quem são os talentos dos subúrbios de Brasília. O projeto chama-se Fala, Satélite.

Povo na rua — é a ordem do governo do Distrito Federal, que quer recuperar o tempo perdido, o tempo em que a capital da República festejava os aniversários timidamente. A Fundação Cultural do Distrito Federal organizou 127 programas para os brasilienses comemorarem o aniversário da cidade.

Fora o balé com Fernando Bujones e Ana Maria Bo-

tafogo, hoje no Teatro Nacional, todos os outros programas vão ser de graça. Bailes de carnaval, forró, show de rock e concerto da Orquestra Sinfônica, em frente ao Congresso Nacional, show com Paulinho da Viola, Carlos Lyra, Tóto Madi e Leny Andrade também na rua, trio elétrico esquentando a cidade e os subúrbios. A festança acaba com um espetáculo de fogos de artifício que já tem até um número especial, chamado de Aquarela do Brasil: os fogos vão pintar de verde e amarelo a noite de Brasília, em frente ao Congresso.

Toda a festa vai custar exatamente a metade do que custou o Festival de Cinema de Gramado, afirma o diretor da Fundação Cultural do DF, Reynaldo Jardim. Ele garante: "Agora, sim, Brasília, aos 26 anos, será entregue ao povo".

## Uma peça para JK Tiradentes e Tancredo

**M**AIS de 70 pessoas — que nunca pisaram num palco antes — fazem um espetáculo para homenagear três brasileiros, por acaso, três mineiros, que transformaram o Brasil: Tiradentes, JK e Tancredo Neves, cujos destinos estão ligados a um mesmo dia, o 21 de abril. Nesse dia, Tancredo e Tiradentes morreram e JK inaugurou Brasília. O espetáculo chama-se 63 — 3 K 21 — o auto dos predestinados, idealizado por um brasiliense, dirigido por um carioca e estrelado pela gaúcha Itala Nandi. Trata-se de uma experiência inédita na capital da República.

A peça estreou em Brasília no dia 15, e encerra a temporada hoje. Depois, segue para Goiânia, Belo Horizonte e Rio, onde o diretor, o carioca Marcos Fayad, pretende apresentá-la no Sambódromo. A atriz e empresária Itala Nandi disse que o espetáculo é uma grande surpresa porque conta a História do Brasil

**E**XATAMENTE como há 26 anos, o arquiteto Oscar Niemeyer está trabalhando com afinco. Em seu gabinete, ao lado do Governador José Aparecido, esse carioca de 79 anos está empenhado em recuperar o tempo perdido — tempo em que não pôde "lamber sua cria". Agora sim, o desenhista de Brasília pode consertar uma coisa ali outra lá, ter novas idéias, enfim. Ele retoma a obra que criou e da qual esteve afastado durante 20 anos, por ser considerado pelo Governo militar apenas "o arquiteto comunista".

Convidado pelo Governador José Aparecido, Oscar Niemeyer voltou para trabalhar em Brasília em maio do ano passado. O único projeto grande de que está cuidando agora é do Panteão, na Praça dos Três Poderes, "um monumento para homenagear os que lutaram pela liberdade", afirma Niemeyer. O arquiteto está envolvido em muitos outros projetos, que também considera importantes, como escolas, postos de saúde, pon-

## OSCAR NIEMEYER Retomando o tempo perdido

tos de táxi e de ônibus e até uma lavanderia pública.

Oscar Niemeyer garante: "Não fizemos distinção, quer dizer, o Governador José Aparecido não faz distinção entre Plano Piloto (o coração de Brasília) e as cidades-satélites (os subúrbios): procuramos estudar o que falta ainda no Plano Piloto, os prédios que faltam ser recuperados e construídos. Mas, ao mesmo tempo, o governador vê com prioridade justa os problemas das cidades-satélites, que são humanos e mais urgentes."

O arquiteto acha que a obra mais importante que precisa ser mudada com urgência é a Catedral. "É onde o povo entra, sem pedir licença, não é como nos palá-

cios". Niemeyer acha de muito mau gosto as cadeiras de plástico e as samambaias que espalharam pela igreja. Outra coisa que pretende mudar são os vitrais da Catedral. No projeto inicial, os vitrais deviam ser coloridos, não transparentes como os que foram colocados.

Agora, 26 anos depois, o criador analisa a criatura: "Brasília está na sua quinta fase: a primeira foi a idéia de criá-la; a segunda fase foi o Plano Piloto, traçado por Lúcio Costa, o urbanista; a terceira foi a determinação que JK teve de construir a capital em quatro anos apenas; a quarta foi a mais longa, foi o tempo da censura, de autoritarismo, de arbítrio, de pressão e de violência; agora estamos na quinta fase, a de conclusão da cidade — graças ao governador José Aparecido, que é um governador que tem coragem de fazer as coisas, ama a cidade, quer fazer o que ela precisa, recuperá-la. Os brasilienses devem se congregarem em torno de José Aparecido, que quer muito bem a esta cidade."